



10.24065/re.v15i1.2992

ARTIGO

FORMAÇÃO E DOCÊNCIA DE RAIMUNDO DO NASCIMENTO BATISTA LANDIM NA REGIÃO CENTRO-SUL DO CEARÁ

TRAINING AND TEACHING OF RAIMUNDO DO NASCIMENTO BATISTA LANDIM IN THE CENTRAL-SOUTHERN REGION OF CEARÁ

FORMACIÓN Y DOCENCIA DE RAIMUNDO DO NASCIMENTO BATISTA LANDIM EN LA REGIÓN CENTRO-SUR DE CEARÁ

Francisca Genifer Andrade de Sousa¹ <http://orcid.org/0000-0001-8280-3250>

Geandra Claudia Silva Santos² <http://orcid.org/0000-0002-7782-6316>

Lorena de Oliveira Araújo³ <https://orcid.org/0009-0007-9096-7416>

¹ Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu - Iguatu, Ceará, Brasil, CEP 63.500-000, e-mail: geniferandrade@yahoo.com.br

² Centro de Educação, Ciências e Tecnologia da Região dos Inhamuns - Tauá, Ceará, Brasil, CEP 60.000.000, e-mail: geandra.santos@uece.br

³ Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu - Iguatu, Ceará, Brasil, CEP 63.500-000, e-mail: lor.oliveira@aluno.uece.br

RESUMO

O artigo apresenta a trajetória de uma personalidade do interior do Ceará para conseguir escolarizar-se desde a educação primária e secundária, bem como no ensino superior, e, posteriormente, ingressar na docência no ensino superior, em uma região do estado do Ceará. Objetivou-se compreender a trajetória de Raimundo do Nascimento Batista Landim, desde a educação básica, em nível Primário e Secundário, até tornar-se professor após graduar-se na capital e retornar para o interior ao assumir concurso público. Trata-se de um estudo biográfico orientado pela metodologia história oral, por meio da realização de entrevista livre, com o próprio biografado. Os resultados demonstram que Raimundo do Nascimento Batista Landim, embora descendente de uma família interiorana, teve acesso a uma formação educacional diferenciada de muitos dos seus conterrâneos, que em sua maioria, sequer concluíram o Ensino Primário. O professor conseguiu completar o ensino secundário no interior do estado, e migrar para a capital a fim de obter formação em nível superior, percurso facilitado pelo apoio que recebeu da igreja católica para se manter longe de sua família - primeiro, quando estudou o Ensino Secundário em Iguatu, e posteriormente, quando cursou a graduação em Filosofia, em Fortaleza. Após um percurso de desafios e descobertas, torna-se professor, e retorna a Iguatu para assumir concurso público para o magistério superior na Universidade Estadual do Ceará (UECE), sendo lotado na Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (FECLI), onde corrobora a formação de professores da região Centro-Sul até os dias atuais.

Palavras-chave: História da Educação; Trajetória; Percurso formativo.

ABSTRACT

The article presents the trajectory of a personality from the interior of Ceará to obtain primary and secondary education, as well as higher education, and subsequently enter higher education teaching in a region of the state of Ceará. The objective was to understand the trajectory of Raimundo do Nascimento Batista Landim, from basic education at the primary and secondary levels to becoming a teacher after graduating in the capital and returning to the countryside after passing a public exam. This is a biographical study guided by oral history methodology, through free interviews with the biographee himself. The results show that Raimundo do Nascimento Batista Landim, although descended from a rural family, had access to a different education from many of his fellow countrymen, most of whom did not even complete primary school. The teacher managed to complete secondary school in the interior of the state and migrate to the capital in order to obtain higher education, a path facilitated by the support he received from the Catholic Church to stay away from his family—first, when he studied secondary school in Iguatu, and later, when he studied for his degree in Philosophy in Fortaleza. After a journey of challenges and discoveries, he became a teacher and returned to Iguatu to take a public exam for higher education teaching at the State University of Ceará (UECE), being assigned to the Faculty of Education, Sciences, and Letters of Iguatu (FECLI), where he has been involved in the training of teachers in the Central-South region to this day.

Keywords: History of Education; Trajectory; Formative journey.

RESUMEN

El artículo presenta la trayectoria de una personalidad del interior de Ceará para conseguir escolarizarse desde la educación primaria y secundaria, así como en la enseñanza superior, y, posteriormente, ingresar en la docencia en la enseñanza superior, en una región del estado de Ceará. El objetivo fue comprender la trayectoria de Raimundo do Nascimento Batista Landim, desde la educación básica, en los niveles primario y secundario, hasta convertirse en profesor después de graduarse en la capital y regresar al interior al ganar un concurso público. Se trata de un estudio biográfico orientado por la metodología de la historia oral, mediante la realización de una entrevista libre con el propio biografiado. Los resultados demuestran que Raimundo do Nascimento Batista Landim, aunque descendiente de una familia del interior, tuvo acceso a una formación educativa diferente a la de muchos de sus compatriotas, que en su mayoría ni siquiera completaron la enseñanza primaria. El profesor logró completar la enseñanza secundaria en el interior del estado y emigrar a la capital para obtener una formación superior, un camino que le resultó más fácil gracias al apoyo que recibió de la Iglesia católica para mantenerse alejado de su familia, primero cuando estudió la enseñanza secundaria en Iguatu y, posteriormente, cuando cursó la licenciatura en Filosofía en Fortaleza. Tras un recorrido lleno de retos y descubrimientos, se convierte en profesor y regresa a Iguatu para presentarse a las oposiciones para la docencia superior en la Universidad Estatal de Ceará (UECE), siendo destinado a la Facultad de Educación, Ciencias y Letras de Iguatu (FECLI), donde colabora en la formación de profesores de la región centro-sur hasta la actualidad.

Palabras clave: Historia de la Educación; Trayectoria; Recorrido formativo.

INTRODUÇÃO

O estudo está inserido no campo da História da Educação, uma vez que realça o contexto educativo do interior cearense no ínterim da segunda metade do século XX, quando pessoas distantes da capital, Fortaleza, enfrentavam uma série de dificuldades para adentrar e permanecer na escola (Vieira, 2002). Assim, tensiona as particularidades que circundavam a matéria educativa nesse período, problematizando as questões sociais, políticas e econômicas que interferiam nas trajetórias estudantis, especialmente de pessoas interioranas residentes da região Centro-Sul do Ceará, ao mesmo tempo em que permite conhecer a vida de Raimundo do

Nascimento Batista Landim, um professor de origem interiorana que galgou trajetória diferenciada ao se destacar na educação crítica pautada em sua militância nos movimentos sociais, e, após formar-se na capital, retornou para a sua região de origem a fim de corroborar a formação de professores do interior cearense.

Raimundo do Nascimento Batista Landim deu início à sua escolarização de caráter formal no início da década de 1970, momento em que a oferta do ensino enfrentava vários problemas em face da sua escassez e precarização, principalmente, quando se tratava de regiões interioranas, que no caso do Ceará, contava com poucas escolas (Sousa, 1961). Além disso, a formação educacional assumia caráter elitizado, já que somente o segmento social mais abastado economicamente conseguia adentrar e permanecer na escola, restando aos menos abastados o trabalho braçal desde a infância (Saviani, 2011). No contexto cearense, especialmente no que concerne ao interior desse estado no período em que Raimundo do Nascimento Batista Landim iniciou os estudos formais, havia a ausência de prédios escolares na maior parte das localidades e, mesmo naquelas onde existiam escolas, geralmente os centros urbanos, as condições de funcionamento eram precarizadas e prevalecia a docência assumida por professoras leigas, isto é, sem a devida formação para o exercício do magistério (Vieira, 2002).

Melhor situando essa realidade cearense na década de 1970, destaca-se que menos de 90% daqueles que iniciavam a 1^a série chegavam a concluir o Ensino Primário, e desses poucos, menos de 5% seguia para o Ensino Secundário e em média 1% concluía o Ensino Superior (Vieira, 2002). Apesar de não terem sido localizados dados que especificassem esse último percentual, considerando as regiões do estado, pode-se afirmar que a maioria daqueles que chegavam ao ensino superior residiam na capital e/ou descendiam de famílias abastadas, já que no interior não havia nenhuma instituição que oferecesse o referido nível de ensino e, salvo raras exceções, apenas aqueles com alto poder aquisitivo podiam migrar das suas regiões a fim de estudar.

Nessa perspectiva, de forma distinta de muitos dos seus contemporâneos, Raimundo do Nascimento Batista Landim, doravante apenas Raimundo do Nascimento, conseguiu concluir a escolarização básica com o apoio da Igreja Católica, ainda no interior do Ceará e, posteriormente, teve a oportunidade de passar a residir em Fortaleza, para dar prosseguimento nos estudos em nível de ensino superior. Na capital, tornou-se professor universitário de variadas instituições privadas e, na década de 1990, retornou para a sua região interiorana

através de concurso público da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e, desde então, corrobora a formação dos profissionais da educação do Centro-Sul do estado.

Questionou-se como Raimundo do Nascimento, enquanto descendente de uma família interiorana, conseguiu escolarizar-se até se tornar professor universitário da sua região. Para atender a tal problemática, foi realizada uma pesquisa com o objetivo de compreender a trajetória de Raimundo do Nascimento, desde a educação básica, em nível Primário e Secundário, até se tornar professor após graduar-se na capital e voltar para o interior ao assumir concurso público.

A pesquisa é do tipo biográfica, e centra foco na narrativa como insumo que permite analisar os aspectos educacionais que influíram na vida de Raimundo do Nascimento; todavia, uma vez que a biografia “[...] não se ocupa de retratar apenas a ‘vida’, mas também a ‘maneira de viver’ [...]” (Dosse, 2015, p. 123), são realçados os pormenores que circundam a vida do biografado, como os contextos econômico, político e cultural, que exerceram influência no desenrolar do seu percurso formativo. Não se trata, portanto, de uma biografia heroica, ou seja, de uma escrita voltada para enaltecer a imagem do professor em tela, mas de uma escrita que visa a enfatizar o trânsito de uma pessoa comum, que saiu do interior e formou-se na capital, em um tempo em que tal percurso era difícil e até inviável para muitos; assim, o foco é a vida de uma pessoa que, apesar de comum, destoa-se do seu grupo por conseguir lograr trajetória distinta dos seus pares.

METODOLOGIA

A escrita biográfica, a qual é alicerçada pela história cultural, é a do tipo hermenêutica, que ao contrário da biografia heroica que se ocupa em heroicizar a vida, situa o sujeito no seu tempo e no seu espaço, considerando as múltiplas relações com o seu meio e com os seus pares, pois o ser humano é concebido como produto e produtor do seu tempo (Dosse, 2015). Assim, realçar a trajetória percorrida por homens e mulheres comuns, abordando as suas vivências nas esferas pública e privada, possibilita conhecer minúcias da história ainda desconhecidas, tendo em vista que “[...] a perspectiva de trabalhar com biografias e/ou histórias de vida fornece subsídios para se entender o indivíduo em várias dimensões, bem como vislumbramos, também, os aspectos constituintes da sociedade de outrora [...]” (Rodrigues, 2015, p. 61). Assim, o conhecimento é produzido na inter-relação entre o individual e o contexto local, inovando as

formas de compreensão histórica, que por muito tempo foi única e totalizante (Fialho; Freire, 2018).

Considerando o objetivo de biografar Raimundo do Nascimento com ênfase na sua trajetória formativa, a história oral logo foi considerada a metodologia apropriada, tanto para a coleta, quanto para a análise dos dados, uma vez que interessou realçar as vivências desse professor nos variados espaços em que adentrou e experienciou a tarefa educativa. Consoante a Alberti (2013), a história oral constitui-se um mecanismo profícuo para estudos contemporâneos do tempo presente, pois mediante as entrevistas viabiliza o estudo do tempo passado e presente.

Seguindo os pressupostos da história oral, as memórias de Raimundo do Nascimento foram acessadas através das suas próprias narrativas, as quais foram coletadas mediante entrevista livre, de tal maneira que a oralidade foi o objeto da história oral, já que esta serve-se daquela na tarefa de reconstituir o passado (Thompson, 2002). Considera-se que a memória, por ser seletiva, é filtrada conforme as intenções e as percepções de quem a narra e, por isso, não busca-se atingir a uma verdade absoluta é inquestionável através dessa escrita biográfica, mas constituir uma versão histórica que reconhece a impossibilidade de abranger todas as particularidades de uma vida (Dosse, 2015), mas que corrobora o entendimento de um contexto e de um período histórico.

A entrevista livre, tendo por base a história oral como metodologia, após a concordância de Raimundo do Nascimento, aconteceu no dia 11 de novembro de 2024, nas dependências do Campus Multi-Institucional Humberto Teixeira, onde funciona a Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (FECLI), mais especificamente na sala do Centro Acadêmico do curso de Pedagogia, localizado na Avenida Dário Rabelo, bairro Vila Santo Antônio, Iguatu-CE. A entrevista teve início às 16:00 e durou 59 minutos e 6 segundos.

Na ocasião, antes de conceder a entrevista, Raimundo do Nascimento compreendeu o objetivo da pesquisa, a sua metodologia, os possíveis riscos, a sua participação de forma voluntária, a possibilidade de retirada do consentimento a qualquer tempo, e a maneira de divulgação dos dados, informações que encontravam-se expostas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) lido e assinado pelo biografado. As narrativas foram gravadas com apoio de gravador de voz eletrônico e, posteriormente, foram transcritas e validadas pelo entrevistado, seguindo o passo a passo da história oral.

FORMAÇÃO EDUCATIVA E ENCONTRO COM A DOCÊNCIA

Raimundo do Nascimento Batista Landim é natural de Icó-CE, mas aos dez anos de idade mudou-se para Orós-CE, onde passou boa parte da sua vida e reside atualmente. Nasceu no dia 25 de dezembro de 1959, filho de Maria Batista Landim (conhecida como Zuíla) e Aumiro Cândido Landim, e a princípio, a família vivia num sítio chamado Lobato, pertencente ao município de Icó-CE, mas quando ele tinha apenas três meses de vida, a família mudou-se para o Sítio Belém, também em Icó, onde viveu até 1971 e, então, aos dez anos de idade, mudou-se para Orós-CE, município vizinho àquele. As mencionadas cidades, cuja fonte de economia é oriunda do comércio local e da agricultura, principalmente do cultivo de grãos, frutas e criação de gado, são localizadas na região Centro-Sul do Ceará, sendo 359 km de Icó para Fortaleza, e 350 km de Orós para a capital cearense.

Foi nessa região interiorana que Raimundo do Nascimento passou toda a infância, a adolescência e o início da juventude, entre as cidades de Icó (até os dez anos) e Orós (dos dez aos dezoito anos de idade). Estudou o ensino primário (1º grau), entre 1971 e 1972 no Grupo Escolar Epitácio Pessoa (GEEP), onde, segundo ele rememora: “[...] vivenciei um dos episódios mais dramáticos da minha vida escolar: a reprovação no 4º ano. Um trauma que, por muito tempo, carreguei comigo. Mas, enfim, superado”, havendo duas pessoas que “contribuíram diretamente para tanto, que foi a faxineira (*Negra Beata*) e a profa. (*Liduína Peixoto*)” (Landim, 2024), as quais prestaram amparo e conforto ao jovem Raimundo do Nascimento naquela ocasião. Posteriormente, de 1973 a 1977, cursou o 2º grau no Centro Educacional Epitácio Pessoa, onde, segundo ele explica, finalizou o que hoje conhecemos por ensino fundamental, com mérito: “[...] ingressei no Ginásio Epitácio Pessoa em 1973, vindo a concluir a 8ª série, em 1977, como o melhor aluno da sala e convidado a fazer o discurso de colação de grau da nossa turma!” (Landim, 2023, p. 6).

Os grupos escolares, como aquele no qual Raimundo do Nascimento iniciou a escolarização formal em 1971, aos 12 anos de idade, foram monumentos educativos inaugurados no período da República, com o objetivo de alfabetizar o máximo de pessoas em uma época marcada pelo alto índice de analfabetos (Freitas; Biccias, 2009). Surgiu a partir da junção de escolas isoladas e inaugurou, no Brasil, o modelo de escola seriada, ou seja, organizada por séries nas quais os alunos iam progredindo nos estudos (Saviani, 2007). Após ter concluído o ensino primário no grupo escolar, em Orós-CE, o próximo nível de escolarização era o Ensino Ginásial, o qual Raimundo do Nascimento cursou também em Orós-

CE, tendo iniciado aos 14 e concluído aos 18 anos de idade. O Ensino Ginásial, Ciclo Ginásial ou Ginásio, tinha duração de quatro anos e correspondia à primeira parte do ensino secundário, após o qual o aluno poderia dar prosseguimento nos estudos ao ingressar em um curso clássico ou científico, que duraria três anos, finalizando o ensino secundário (Saviani, 2011).

Ingressar e permanecer em ambos os estabelecimentos de ensino até a concluir a escolarização era um feito inviável para muitos àquela época, tendo em vista que, principalmente na faixa etária de estudo, crianças e adolescentes interioranos eram empregados nos serviços braçais, no campo, com o objetivo de auxiliar no sustento da família (Sousa, 1961). Além disso, a ausência de escolas era outro fator que dificultava o prosseguimento nos estudos da população cearense que residia no interior, pois tais estabelecimentos, quando existiam, geralmente localizavam-se em poucos lugares, a muitos quilômetros de distância da maior parte da população em idade escolar, o que dificultava ainda mais o acesso e a permanência na escolarização formal (Sousa, 1961). De acordo com dados de Vieira (2002), no ínterim da década de 1970, quando Raimundo do Nascimento iniciou a escolarização no ensino Primário, que com a implementação da Lei nº 5.692/71, passou à nomenclatura de Ensino de 1º Grau, mais de 70% da população cearense era analfabeta em face das dificuldades em acessar a escola. Tal desfecho, porém, não foi vivenciado por Raimundo do Nascimento, que diferente de muitos do seu tempo, concluiu o ensino primário e a primeira parte do ensino secundário na sua própria cidade, Orós.

E, dando continuidade aos estudos, em 1978, ingressou na Escola Técnica de Comércio, localizada em Iguatu-CE, a 59,2km de Orós e, nessa instituição, estudou o curso técnico de Contabilidade até 1980:

Landim: *Em Orós eu fiz o meu Primário, antigamente chamava Primário, que hoje é ensino fundamental. [...] Por conta da minha relação com a igreja [católica] eu vim para Iguatu e, aqui, fiz o Secundário, na época chamava Secundário, que hoje é ensino médio [...], na Escola Técnica de Comércio. Foi lá onde eu fiz os três anos do ensino Secundário, no caso, de contabilidade. Aí, eu sou técnico em contabilidade.*

A supramencionada Escola Técnica de Comércio de Iguatu foi fundada em 22 de maio de 1971 com o objetivo de ofertar Educação profissional em nível técnico para jovens iguatuenses e regiões circunvizinhas. Embora criada na década de 70, a sua história remonta 1950, quando foi criado o curso de Economia Rural Doméstica, ligado ao Ministério da Agricultura e, em 1979, passou a chamar-se Escola Agrotécnica Federal de Iguatu (EAFI),

nomenclatura vigente até 2008, quando o ensino técnico do Ceará foi unificado e deu origem ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).

Conforme narrativa anterior, a migração de Orós para Iguatu foi possível graças à aproximação que Raimundo do Nascimento possuía com a Igreja Católica, que o amparou na nova cidade, longe da família, para que pudesse estudar, conforme esclareceu:

Landim: *Na época eu tinha uma relação muito estreita com a Diocese de Iguatu, paróquia de Orós, Diocese de Iguatu, através do movimento de um grupo de jovens que é chamado PJMP, Pastoral da Juventude do Meio Popular. E, através dessa pastoral, eu vim morar aqui [em Iguatu], e fiquei trabalhando na pastoral; e a igreja ficou subsidiando meu sustento aqui em Iguatu.*

Portanto, por atuar na Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP), Raimundo do Nascimento pôde se dedicar a essa entidade religiosa na cidade de Iguatu, onde conciliou as atividades na Pastoral com o curso de Contabilidade, de tal modo que a igreja católica, especificamente a Diocese de Iguatu, foi crucial para que ele pudesse concluir o ensino secundário. A PJMP, criada em 1978 a partir de um encontro de jovens em Recife, tem como objetivo a formação das juventudes com base na fé católica e na difusão da consciência de classe, instigando, através da criticidade, a participação juvenil na política e na sociedade visando a transformação desta última (Sofiaty, 2012).

Influenciado por tais pressupostos, Raimundo do Nascimento conta que foi em Iguatu, vivenciando a PJMP ao mesmo tempo em que se dedicava à escola técnica, que ele se identificou com a militância enquanto prática social que tem por objetivo promover a transformação da sociedade por meio da crítica e da ação (Freire, 2017). Em um dos períodos mais sombrios da história do Brasil, a Ditadura Militar (Paulo Neto, 2014), tempo em que o ato de se manifestar criticamente poderia ser, inclusive, perigoso, o jovem Raimundo do Nascimento se descobriu militante e atuou a frente de uma entidade local que fazia resistência à opressão e lutava por melhorias para a classe estudantil, conforme narrativa:

Landim: *Eu vim de Orós ainda muito inocente, digamos assim, em termos políticos, em termos religiosos e tal. E aqui no Iguatu, nesse período da escola técnica, foi quando eu me descobri como estudante, como militante da política. À época, a gente estava saindo do regime militar, da Ditadura, e o movimento estudantil era muito forte aqui através da UNIDOS, que era a representação dos universitários, e do CRESCE, que era representante dos secundaristas. Eu fiz parte desse movimento secundarista e também fui presidente do CRESCE, que representava os estudantes secundaristas aqui da região [...]. Também fui presidente do Centro Cívico, Barão de Itapagibe, da Escola Técnica de Comércio de Iguatu [...].*

Portanto, a migração para a cidade de Iguatu simbolizou mais do que a oportunidade de continuar estudando, sendo determinante para que Raimundo do Nascimento se constituísse como ser político, representando a sua classe, a estudantil, no ínterim 1978-1980, tempo em que estudou os três últimos anos do ensino secundário. Esse período, apesar de marcado pela opressão por parte de um governo autoritário que perseguia movimentos militantes, fosse ele político, social ou estudantil (Paulo Neto, 2014), foi profícuo para a atuação de jovens, que não se intimidaram e foram fortes agentes de luta. De acordo com Müller (2016), principalmente entre as décadas de 1970 e 1980, o movimento estudantil brasileiro mostrou-se ativo e fez oposição publicamente ao governo, realizando protestos inclusive nas ruas, quando faziam resistência ativa contra o regime ditatorial.

Nesse período, no contexto cearense, temos registros de movimentos militantes, principalmente na capital, através do grêmio estudantil e dos centros acadêmicos (Vieira, 2002). Porém, mesmo residindo no interior do estado, notamos que Raimundo do Nascimento fez parte ativamente desse clima de ebulação social, o qual ele revelou ser bastante expressivo em sua região através de entidades representativas como o Cresce, composto por estudantes secundaristas, e o Centro Cívico ligado à escola técnica onde estudava. Interessa destacar que esse não era o escopo das escolas técnicas, cuja origem estava fincada no propósito da formação da mão de obra aligeirada para suprir às necessidades do mercado, sob a orientação da pedagogia tecnicista, não sendo o seu objetivo uma formação crítica e reflexiva (Saviani, 2011), que resultasse em politização dos futuros trabalhadores. Todavia, a militância de Raimundo do Nascimento, em Iguatu, bem como a de Zuleide Queiroz, que estudava na escola técnica de Fortaleza, nesse mesmo período (Fialho; Freire; Sousa, 2022) demonstram que os jovens secundaristas cearenses eram atuantes, fosse na capital, fosse no interior, apesar do cenário que lhes cercava.

Inclusive, tal como Raimundo do Nascimento, Zuleide Queiroz, atualmente uma mulher, professora, negra e militante política, iniciou a sua formação crítica no seio da Igreja Católica, ao participar de encontros de jovens na paróquia de São Paulo Pio X, na periferia de Fortaleza. Dessa feita, evidencia-se a importância da atuação do catolicismo, a partir dos seus variados movimentos, a exemplo da PJMP, do qual Raimundo do Nascimento fazia parte, e de outros como a Juventude Operária Católica (JOC) e a Juventude Universitária Católica (JUC), para a formação de sujeitos que, mais tarde, se tornaram agentes de luta pela transformação social (Sofiaty, 2012). Nessa tessitura, Raimundo do Nascimento reconheceu a influência da Igreja Católica em sua formação crítica, ao mesmo tempo em que destacou o papel da escola

técnica para atingir a esse intento, enfatizando que teve sorte pelo fato de ter contato com o apoio dessas duas instituições sociais:

Landim: *A escola foi meu grande chão, porque eu pude aprender tanto a parte das matérias [...], mas também foi um aprendizado político muito forte, me mostrou a história do Brasil, a repressão política, os movimentos populares, os partidos políticos. Foi a escola quem me deu isso. E a igreja, por outro lado, me favoreceu também com a parte dos movimentos populares. [...]. Então, eu tive uma sorte muito grande de participar e de ter esses instrumentos que, nessa época, me deram tanto uma formação; uma formação que eu nunca esqueci de me dedicar, ao estudo da língua, da história, da ciência e, ao mesmo tempo, uma educação política muito grande.*

Imerso nesse cenário de efervescência que ansiava por mudanças concretas na sociedade, Raimundo do Nascimento apoiou, ainda, a luta política de um partido, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), criado em 1980, e que, segundo ele explica, era forte em Iguatu: “[...] teve uma atividade muito forte na parte política quando foram criados os movimentos, os partidos [...]. E nós ficamos ligados ao MDB, aqui no Iguatu. E o nosso grande nome aqui era o Adail Barreto, que foi deputado, foi cassado” (Landim, 2024). O mencionado político brasileiro, natural de Iguatu, Adail Barreto Cavalcanti, foi um advogado que atuou como deputado estadual de 1947 a 1951 e como deputado federal de 1951 a 1964, tendo sido cassado pelo Regime Militar que se instaurou em 1964, quando também teve suspendido os seus direitos políticos, os quais retomou mais tarde, após a Anistia, em 1979.

Inclusive, além de citar as características da política na região de Iguatu neste período, Raimundo do Nascimento situa esse contexto em âmbito nacional, ao rememorar que antes da Anistia “[...] tinha dois partidos, que era o PSD e o Arena. Com a anistia, abriram os partidos, aí foi criado MDB e outros” (Landim, 2024). A Aliança Renovadora Nacional (Arena), tratava-se do partido político criado em 1964, ligado ao Regime opressor, enquanto o Partido Social Democrático (PSD), embora não apoiasse a Ditadura de maneira direta, tinha alguns dos seus membros que se aliaram ao Golpe de 1964.

Nesse clima de agitação política e social, Raimundo do Nascimento concluiu o ensino secundário na Escola Técnica em 1980, e em 1981, após três anos residindo em Iguatu, mudou-se para Fortaleza, a fim de obter formação em nível superior. Esse trânsito (do interior para a capital), de acordo com Sousa (1961) era comum àqueles que possuíam condições econômicas favoráveis para tal fim, já que a mudança de cidade para estudar implicava gastos que poucos possuíam condições de arcar. No caso de Raimundo do Nascimento, ele precisou contar, mais uma vez, com o auxílio da igreja: “E então fui para Fortaleza, a igreja continuou me ajudando,

e eu fazendo atividades pastorais. Até então, eu não tinha ainda nenhum conhecimento de curso superior aqui no interior” (Landim, 2024).

De fato, nesse período, o Ceará contava com algumas instituições de ensino superior, mas todas situadas na capital, como a Faculdade de Direito, fundada em 1903, que hoje pertence à Universidade Federal do Ceará (UFC), a Escola de Administração do Ceará, criada em 1961, a Faculdade de Veterinária, em 1963, e a Faculdade de Filosofia de Fortaleza (FAFIFOR), em 1972, “[...] e, além disso, a Universidade de Fortaleza (UNIFOR) foi fundada em 1973, institucionalizando cursos das diversas áreas, como Educação, Saúde e Artes. (Sousa, 2023, p.94). No interior, contudo, não existia nenhuma instituição de ensino superior, especialmente o curso que Raimundo do Nascimento visava a cursar, Filosofia, como esclareceu: “*Eu já tinha, há bastante tempo, decidido fazer Filosofia. Mesmo quando morava em Orós, eu já queria fazer Filosofia e, então, como não tinha aqui, tinha em Fortaleza, Iguatu foi um degrau para Fortaleza*” (Landim, 2024).

Assim, uma vez na capital, de 1981 a 1986 cursou a graduação em Filosofia e Teologia no Instituto Teológico-Pastoral do Ceará (ITEP), órgão esse que, embora tivesse um excelente corpo docente, não tinha reconhecimento legal do Ministério da Educação (MEC), e, por isso mesmo, de 1986 a 1988 ele teve de validar o curso de Filosofia junto à Universidade Estadual do Ceará (UECE). Inclusive, remontando a sua experiência junto à PJMP, a sua monografia teve como tema “A relação entre fé e política na PJMP”. Nesse tempo de estudos acadêmicos, Raimundo do Nascimento relata que teve a sorte de ser aluno de grandes professores de Filosofia (Manfredo Araújo de Oliveira e Paulo de Jorge Melo Filho / Petrola), de ética (Manfredo Tomás Ramos), de lógica (Lauro Mota), teologia sistemática (Pe. Antônio Sidra), de exegese bíblica (Pe. Luiz Uchôa), línguas clássicas / latim e grego (Pe. Alípio) e de teologia política (Pe. Haroldo).

Na entrevista de 11 de novembro de 2024, Raimundo do Nascimento, ao relatar esse momento, detalha que, em 1986, começou a ensinar a disciplina de Ética Filosófica na Faculdade de Filosofia de Fortaleza (FAFIFOR), onde hoje é a Faculdade Católica de Fortaleza (FCF), a convite do seu Prof. Manfredo Tomás Ramos, instituição ligada à Arquidiocese de Fortaleza, criada em 1972. A referida instituição funcionava no prédio do Seminário Episcopal do Ceará, mais conhecido na sociedade cearense como “Seminário da Prainha”, estabelecimento eclesiástico que muito contribuiu com a educação do Ceará desde a sua fundação, em 1864. De acordo com Jucá (2014), o Seminário da Prainha foi criado pelo

primeiro bispo do Ceará, Dom Luís Antônio dos Santos, e, no início das suas atividades, toda a formação teológica era realizada na língua francesa, e que, em tempos atrás, aí, moraram e estudaram personalidades eclesiásticas, como foi o caso de Pe. Cícero Romão Batista e o Cardeal D. Helder Câmara, dentre outros. O Seminário da Prainha encerrou as suas atividades em 1967, pelo então arcebispo de Fortaleza, Dom José de Medeiros Delgado, que no mesmo ano inaugurou o Instituto Superior de Cultura Religiosa (ISCRE), o qual, a partir de 1968 passou a se chamar Instituto de Ciências da Religião (ICRE), cujo objetivo era a formação de sujeitos ligados à Pastoral, leigos e cristãos de modo geral. Nesse segundo, Raimundo do Nascimento chegou a exercer a docência, como veremos adiante.

Acerca do início da sua trajetória no ensino superior, dois fatos foram de extrema importância, para não dizer, mesmo, determinantes, no percurso de Raimundo do Nascimento. Primeiramente, a orientação dada pelo seu pai para prosseguir com seu sonho de cursar Filosofia em Fortaleza, mesmo ele tendo passado em um concurso público federal na cidade de Iguatu, tal como ele rememorou, na entrevista supracitada:

Landim: *Eu, na época, havia feito o meu primeiro concurso aqui em Iguatu para a CIBRAZEM, Companhia Brasileira de Armazenamento, que era um órgão federal, e tinha passado em primeiro lugar! Aí, eu fui para Orós, meu pai era vivo, eu disse para ele que tinha passado e tal, e ele disse: “e a sua faculdade, vai querer fazer?”. Eu disse: “Quero, mas não tenho condição, agora eu passei nesse concurso. É um concurso federal, é um concurso muito bom, tem dois salários-mínimos e meio”. Ele disse: “Não, mas você vai fazer faculdade?” Aí, eu disse: “Como, se não posso? Aí, ele me disse: “Lhe ajudo!” Eu disse: “Mas lá eu vou gastar, aqui eu vou ganhar dinheiro.” E ele: “Não tem problema.” Aí, meu pai foi um anjo da minha vida, favoreceu a minha ida para Fortaleza [...].*

Portanto, além do auxílio da igreja católica, o qual Raimundo do Nascimento já havia destacado como crucial para que ele migrasse para Fortaleza, notamos que o apoio que ele obteve do seu pai foi decisivo para que ele optasse por seguir para o ensino superior, a muitos quilômetros de distância de casa, ao invés de assumir um concurso público federal cuja remuneração somava dois salários-mínimos e meio, um valor alto principalmente para aquele contexto interiorano. Assim, ratifica-se a trajetória estudantil diferenciada de Raimundo do Nascimento, tendo em vista que, ao contrário do apoio que recebeu do seu pai para continuar estudando, muitos jovens de sua época eram impelidos, desde muito cedo, a exercerem um ofício a fim de contribuir com o sustento familiar (Sousa, 2023). Apesar dos avanços nas condições socioeconômicas conquistados pela classe trabalhadora nos anos dois mil, no

contexto brasileiro, essa realidade persiste em todo país, tanto nos grandes centros, quanto nas regiões interioranas do país.

O segundo fato foi o início do seu magistério no Ensino Superior, algo que se deu por acaso, uma vez que, até então, Raimundo do Nascimento não tinha pretensões de ser professor. Mas, sim, cursar Filosofia em Fortaleza e, depois, voltar para a cidade de Orós e trabalhar no mercantil do seu pai, que se encontrava idoso e adoentado. Mas, eis que, inesperadamente, seu professor da disciplina Ética e Moral, Manfredo Tomás Ramos, no ITEP, convida-lhe para substitui-lo na FAFIFOR, ensinando a disciplina de Ética Filosófica. Mesmo resistindo em aceitar, pois, até então ele não tinha nenhuma habilitação pedagógica para tanto, mas, por conta da necessidade financeira (autossustentação), aceitou o convite. E foi uma experiência extraordinária, pois ensejou a descoberta e o encantamento com a profissão do magistério superior. Ao mesmo tempo, foi, ainda, nesse tempo que ele deu início aos seus estudos e pesquisas, de forma exaustiva, em ética filosófica, a qual passou a ser o seu grande tema, culminando na defesa de sua tese de doutoramento, no ano de 2023, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UECE.

Em detalhes, Raimundo do Nascimento, fala da forma como foi abordado para dar início à sua primeira experiência como docente do magistério superior, quando foi convidado a assumir o lugar do professor Manfredo Ramos, como narrou:

Landim: *Em Fortaleza, eu me descobri como professor, quase por acaso [...]. No quarto semestre, meu professor de Filosofia, o professor Manfredo, me convidou para ficar no lugar dele, dando aula no lugar dele, de ética. E eu disse: “De jeito nenhum, não tenho condição, não sei de forma alguma não!”. E ele: “Mas eu escolhi você!”. Eu era um excelente aluno, e ele disse: “Escolhi você, e quero que você fique mesmo.” Eu disse: “Pois me dê um tempo pra pensar”, e ele disse: “Dou na hora. Pode pensar até amanhã de manhã”. Aí, você imagina, à noite não dormi pensando como é que ia ser essa aula, mas assumi, assumi, e foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida. [...]. E aí a partir dessa escolha eu me descobri como professor, que eu não tinha vocação, eu não tinha ainda a ideia, a intenção de ser professor. E através desse professor e da disciplina de Ética, eu me tornei professor e continuei estudando e, inclusive, fiz minha tese de doutorado em ética.*

Na referida tese de doutorado, intitulada “A práxis como um princípio educativo da prática e formação docente: uma abordagem ético-moral”, orientada pelo Professor Dr. Osterne Nonato Maia Filho e defendida em 2023 pelo PPGE da UECE, Raimundo do Nascimento escreveu, na seção de agradecimentos, rememorando o supramencionado evento importante em sua vida: “Ao professor Manfredo Tomás Ramos, que me convidou para dar aulas de ética, em

seu lugar, na FAFIFOR, e, com isso, fez com que eu descobrisse a importância de ser professor” (Landim, 2023, p. 6).

A docência de Raimundo do Nascimento Batista Landim

A partir do seu encontro com a docência, Raimundo do Nascimento passou a lecionar em variadas instituições da capital cearense: de 1986 a 1989 atuou no Instituto Teológico-Pastoral do Ceará (ITEP), de 1987 a 1989, no Instituto de Ciências Religiosas do Ceará, (ICRE), e na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), de 1989 a 2006, sendo nesta última, a universidade privada mais antiga do Ceará (Vieira, 2002), onde manteve vínculo mais duradouro, como ele enfatizou: “[...] passei um bom tempo como professor da UNIFOR. Passei 17 anos, 4 meses e 28 dias.” (Raimundo do Nascimento Batista Landim, 11 de novembro de 2024). Tanto nessa instituição quanto nas demais, lecionou aulas de Filosofia ou de algum assunto a ela relacionado, e entre 1988 e 1990, a fim de aprofundar os conhecimentos na sua área, cursou a especialização em Filosofia Política pela UECE.

Então, no ano de 1992, foi anunciado concurso público para professor efetivo da UECE, *campi* da capital e dos interiores, e Raimundo do Nascimento pleiteou a uma vaga para a cidade de Quixadá-CE, município localizado no Sertão Central, a 168,5 km de Fortaleza; e uma vez obtida a aprovação, em 1993, assumiu o cargo em Iguatu, após trocar de vaga com outro candidato aprovado, como explicou:

Landim: *Eu fiz o concurso para Quixadá, passei eu e uma outra pessoa que era daqui de Iguatu, mas essa pessoa queria trabalhar em Quixadá [...]. Então, nós fizemos essa troca. Até hoje não sei quem é essa pessoa. Então, eu vim para Iguatu, que está mais ligado a Orós, porque meu pai estava muito doente e eu estava querendo dar assistência a ele.*

Dessa maneira, retornando ao município de Iguatu devido à localização deste com aquela que é a sua cidade natal e onde o pai residia, Orós-CE, Raimundo do Nascimento deu início à sua trajetória docente no interior do Estado, como professor da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (FECLI), no dia 31 de março de 1993, data do aniversário do seu pai, quando ministrou a sua primeira aula no antigo campus da FECLI, no bairro Areias. Sobre esse dia, ele rememorou:

Landim: *No dia 31 de março de 1993, no dia do aniversário do meu pai - essa que é uma data inesquecível, peguei o Expresso Sul, que era um ônibus antigo que existia aqui [...]. E a gente saía de Fortaleza às 5:30 da manhã para chegar aqui às 6 horas da tarde. Foi minha primeira aula aqui em Iguatu, no dia 31 de março mesmo. Cheguei para dar aula e foi aí que eu comecei, propriamente, a minha jornada aqui no Iguatu.*

Assim, nota-se que Raimundo do Nascimento não fixou, de imediato, residência na região Centro-Sul, até mesmo porque manteve vínculo com a UNIFOR até 2006, tendo que viajar de Fortaleza para Iguatu semanalmente. E, sobre o seu primeiro contato com a docência interiorana, apesar do cansaço decorrente de quase 12 horas dentro de um ônibus, ele contou que chegou a Iguatu, mais especificamente na FECLI, e recebeu a notícia de que assumiria a disciplina de metodologia científica, a qual nenhum professor queria ministrar porque a turma era considerada complicada:

Landim: [...] *E, aí, eu vim, no dia 31 de março de 1993, dei a primeira aula. Parece que eu tô vendo, lá no campus Areias, a sala lotada, lotada. Na época, o diretor era José Eriton, que foi o primeiro diretor da FECLI, me recebeu, já foi logo dizendo que eu ia ficar com essa turma de metodologia científica, porque ninguém queria pegar, era uma turma muito complicada, muito difícil, e ninguém queria pegar e queria que eu assumisse. E eu disse: "Tudo bem, né?".*

E especificou que se tratava, na realidade, da junção de várias turmas que precisavam apresentar a monografia para colar grau, tendo ele assumido o desafio de orientar quase cem concludentes ao mesmo tempo:

Landim: [...] *Aí eu fui e, chegando lá, dei de cara com mais ou menos umas 100 pessoas numa sala de aula. Juntou três turmas numa só. E nessa turma, eram pessoas que já estavam precisando terminar o curso e não tinha quem orientasse a monografia. E aí eu orientei a monografia desse povo todo. Como? não sei. Mas eu orientei e todos terminaram.*

A referida experiência docente em uma sala de aula superlotada, com vários alunos para orientar monografia, revela o quanto a chegada de Raimundo do Nascimento era aguardada pela comunidade acadêmica da FECLI, que tinha muitos alunos represados no final do curso, no caso o de Pedagogia, possivelmente, devido à falta de professores ante o descaso governamental que essa universidade enfrenta até os dias atuais (Sousa, 2024). Todavia, ele explicou que, apesar da sobrecarga, vivenciar essa experiência trouxe-lhe contentamento:

Landim: [...] *tive uma alegria muito grande porque quando eu cheguei lá, eu me encontrei com pelo menos cinco ou seis ex-professores meu, que passaram a ser meus alunos: lá de Orós, a professora Mauricéia, aqui de Iguatu, eu lembro bem dois que era um casal, era a Nísia e Aureli, [...] foram professores meus na escola técnica de comércio, e depois passaram a ser meus alunos na FECLI. [...].*

Nesse momento, ele realizou um dos seus três grandes sonhos no âmbito profissional: ser professor de um ex-professor seu (os outros sonhos são: ser aluno de um ex-aluno seu, o

qual realizou quando, no doutorado, cursou uma disciplina com a professora Heloísa Vidal, que foi sua aluna na Faculdade de Filosofia; e o outro sonho é ser professor de um filho ou filha, o qual ainda não foi realizado), conforme narrativa:

Landim: *Um outro sonho era ser aluno de um ex-aluno meu. E eu só consegui isso no doutorado. E um terceiro sonho que eu não realizei [...], que era ser professor de um filho meu ou de uma filha minha. (Raimundo do Nascimento Batista Landim, 11 de novembro de 2024). Assim, reconhecendo a importância da FECLI em sua trajetória, ele conclui: “A FECLI foi, para mim, uma grande experiência, foi a melhor experiência educacional na minha vida [...].*

Ainda no ínterim da década de 1990, mais especificamente de 1995 a 1997, Raimundo do Nascimento cursou mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC), feito que conciliou com a docência na UNIFOR e na FECLI. Porém, a dedicação a duas universidades situadas em cidades tão distantes terminou em 2006, quando finalmente decidiu que permaneceria vinculado apenas à FECLI:

Landim: *[...] Eu ainda não estava decidido a ficar aqui [na FECLI] ou ficar lá. Eu vou tentar ficar nas duas para ver até onde dá, até onde pode ir. Aí foi muito difícil esse momento, porque eu tinha que dar aula na UNIFOR, são 450 km. [...]. Inclusive, nesse período, eu decidi ficar só aqui em Iguatu. Já tinha feito a especialização, em Filosofia Política, e também o mestrado em educação brasileira. E fui ficando na FECLI, cada vez mais me apaixonando por ela.*

Nessa perspectiva, o professor relata sobre a experiência que motivou a sua escolha por dedicar-se integralmente à educação no interior do Ceará, através da FECLI, e não mais viajar semanalmente para a capital a fim de lecionar em outra instituição privada, que é uma das pioneiras do estado:

Landim: *Quando comecei tive um impacto muito forte em relação à motivação dos alunos. Na UNIFOR, quando é sexta-feira à noite, você não dá mais aula. Os alunos vão, mas eles vão passear nas passarelas, no centro de convivência, mas aula eles não assistem mais, porque já estão iniciando o final de semana. E quando eu vim para Iguatu, peguei uma turma aqui sexta-feira à noite, horário ABCD, e fiquei imaginando: “certamente não vai ter aula, porque sexta-feira à noite, ABCD, quem é que vai ficar na aula?” Erro meu! Os alunos estavam todos na sexta-feira à noite, horário CD. Ora, por conta, fiquei, ao mesmo tempo, impressionado e entusiasmado com a motivação dos alunos nas minhas aulas. Tanto o foi que, nesse tempo, eu não fazia chamada e nem prova e, mesmo assim, minhas aulas estavam sempre lotadas e, espetacularmente, em ebulição, por conta da participação dos alunos com suas perguntas, dúvidas e debates em tornos dos temas filosóficos, tratados em sala.*

Portanto, foi ao ministrar uma disciplina às sextas-feiras à noite, nos últimos horários de aula da FECLI, que Raimundo do Nascimento notou o diferencial daqueles alunos interioranos, os quais, diferentemente daqueles da universidade particular da capital,

valorizavam as suas aulas mesmo em dia de sexta, e se apresentavam sempre motivados e entusiasmados para os debates, despertando, assim, grande sentimento de satisfação pela sua prática profissional, ainda que o Governo do Estado o remunerasse com um salário inferior àquele que ele recebia na UNIFOR: “[...] eu estava muito bem lá; lá pagava muito bem. [...]. Eu ganhava o dobro do que eu ganhava na UECE e, mesmo assim, eu decidi escolher a FECLI. Por quê? Porque quando comecei, tive um impacto muito forte em relação à motivação dos alunos [...]” (Landim, 2024).

Tal narrativa revela a desvalorização enfrentada pelos profissionais que atuavam no magistério superior do Estado do Ceará no início dos anos 2000, quando os seus salários chegavam a ser a metade daquele pago pela iniciativa privada. Essa realidade somente começou a mudar com a greve docente da UECE de 2006, que durou 132 dias, sendo até hoje a mais duradoura da história desta universidade e uma das maiores do país. Uma das principais pautas dessa greve geral foi o reajuste salarial e a aprovação do Plano de Cargos, Carreiras e Salários (PCCs) dos profissionais do magistério superior (Sindicato dos Docentes da UECE, s/d). À época, com o objetivo de denunciar publicamente a situação da universidade e conquistar o apoio da sociedade civil, os professores da UECE realizaram um ato na Praça do Ferreira, no Centro de Fortaleza, ocasião em que o presidente do Sindicato dos Docentes da UECE (SindUECE/ANDES), ressaltou que mais de 30 professores havia pedido exoneração somente em 2006, em face da desvalorização salarial. Vejamos, adiante, um trecho sobre esse momento:

Com o objetivo de levar o movimento de greve à rua, os professores realizaram um ato público na manhã de ontem, na Praça do Ferreira, no Centro. Os grevistas reivindicam a garantia de recursos no orçamento estadual de 2006 para implementação do Plano de Cargos, Carreiras e Salários (PCCs) em 2007. Segundo Célio Coutinho, presidente do Sindicato dos Docentes da Uece (SindUECE), o objetivo do ato é mostrar à sociedade a crise que as universidades estaduais estão enfrentando. "Queremos que as pessoas possam lutar conosco". Ele ressalta que, este ano, 32 professores já pediram exoneração devido aos baixos salários. "A sociedade precisa saber disso", completa. (CUT-CE, 2006, n. p.).

Apesar disso, conforme a narrativa de Raimundo do Nascimento, ele optou pela FECLI devido à motivação e ao entusiasmo dos seus alunos pelo conhecimento, ainda que, somando-se às questões salariais, o seu campo de atuação enfrentasse problemas relacionados a questões estruturais:

Landim: *Na época, a gente dava aula de tarde numa sala fechada com uma lousa, que era de alvenaria pintada de verde, com uma caixinha de giz e um apagador. Era praticamente isso que existia lá. [...] não tinha ar-condicionado, era ventilador que não funcionava. Quando funcionava, era um barulho terrível, a gente preferia deixar desligado. A classe cheia, e um*

pátio muito pequeno que tinha uma estrutura que a gente via a hora cair, porque ele era empenado, só tinha uns bancos que algumas empresas tinham doado [...]. Era uma estrutura muito precária.

Tal precarização era reflexo do descompromisso governamental em suprir a FECLI com a infraestrutura e as condições adequadas ao desenvolvimento da aprendizagem - não apenas esse *campus* interiorano, como tantos outros que, até os dias atuais, sofrem e resistem ao descuido do Governo do estado (Sousa, 2024). Porém, segundo Raimundo do Nascimento, os discentes eram compromissados e se faziam presentes e participativos nos mais variados momentos formativos, como encontros e semanas pedagógicas, que aconteciam no auditório, ambiente no qual “[...] não tinha ventilador nem nada, era fechado. Lá, a gente fazia os debates, as palestras, e acontecia [...]. A gente conseguia manter um clima acadêmico de estudo, de debate, apesar dessas dificuldades todas (Landim, 2024).

A ambiência acadêmica era tão satisfatória devido ao envolvimento do público discente, que Raimundo do Nascimento adotou, por muitos anos de sua trajetória docente na FECLI, uma experiência excêntrica:

Landim: *Eu fiquei tão entusiasmado com a motivação dos alunos nas minhas aulas, que fiz uma experiência meio estrambótica na época, que era de nem fazer chamada, nem fazer prova. Os alunos assistiam aula sem eu fazer chamada, vinham porque queriam e gostavam das minhas aulas [...]. E foi uma experiência muito interessante.*

Dessa feita, ele conclui que “os alunos daqui da FECLI vinham assistir a aula porque gostavam, porque queriam; uma espécie de sede de conhecimento”, o que pode ser justificado pela valorização que eles davam ao ensino superior em um período no qual a FECLI era a única faculdade do Centro-Sul do Ceará, e há não muito tempo, a única possibilidade de obter instrução superior era migrando para Fortaleza ou estados vizinhos.

A supramencionada postura docente de Raimundo do Nascimento está alinhada à perspectiva da educação dialógica e horizontal, a partir da qual não há relação de poder entre aluno e professor, já que esse último não faz uso de mecanismos repressivos em relação àquele, tornando a tarefa educativa mais prazerosa e significativa (Freire, 2017). De acordo com Freitas (1995), é inviável que essa prática docente se mantenha nos tempos atuais, no qual o Estado atua como agente controlador da educação e, de fato, Raimundo do Nascimento lamentou ter que mudar de postura para atender ao exigido pela universidade: “Depois eu tive que quebrar isso porque o sistema da UECE ficou cobrando a gente fazer as chamadas, o aluno on-line.

“Não dá mais para a gente fazer isso, mas durante muito tempo eu tive essa experiência que fez com que eu me apaixonasse pelas aulas” (Landim, 2024).

Ao mesmo tempo em que a UECE, como um todo se atualizou e passou a fazer uso de dispositivos on-line voltados para o controle e o acompanhamento das atividades docentes, sendo necessário que o professor lance notas e frequências, também houve mudanças no que diz respeito à participação e ao interesse estudantil nas atividades acadêmicas. Se antes, quando a FECLI funcionava em um espaço precarizado, os alunos eram comprometidos e participativos, nos tempos atuais, apesar de essa universidade estar situada em um *campus* melhor equipado, de tal modo que, segundo Raimundo do Nascimento, “[...] estamos vendo uma outra realidade em que a UECE está oferecendo estrutura e condições bem mais sólidas para o incremento, para a criação, para o desenvolvimento dos cursos, coisa que antes era muito amadorístico, era muito distante (Landim, 2024), o perfil do alinhado também mudou. Segundo explicou Raimundo do Nascimento, tal mudança aconteceu no tempo em que ele esteve afastado para o doutorado, pois, ao sair da FECLI deixou um perfil de estudante e, ao voltar, encontrou outro, conforme excerto:

Landim: *Sai para fazer o doutoramento em 2018 e, quando voltei, em 2023, já notei uma diferença em termos de motivação dos alunos para fazerem atividades, as leituras, os trabalhos, participação na sala de aula, envolvimento com as atividades acadêmicas. Por exemplo, tem uma palestra, tem um encontro, tem uma semana sobre Pedagogia, antes era o auditório lotado, não tinha ar-condicionado, não tinha ventilador, era “na marra” mesmo. E, depois, quando eu voltei, vi um esvaziamento muito grande na parte dos alunos na sala, a ausência mesmo dos alunos, a pressa dos alunos em terminar a aula ou começar atrasado. A participação muito pequena nas atividades acadêmicas, de palestras, de encontros, de semanas. Mas quando eu comecei a dar aula aqui, fiquei surpreso porque eu tinha uma experiência de uma relação orgânica, participativa, motivada, e, quando eu voltei, não vi mais isso aqui.*

A referida situação de desinteresse dos alunos, de acordo com esse professor, é um desdobramento da pandemia causada pela COVID-19, crise sanitária e humanitária de abrangência mundial que, no Ceará, desencadeou o fechamento de todas as instituições de educação formal em março de 2020, às quais passaram a funcionar de forma remota, incluindo a UECE: “*Eu acho que até a pandemia foi uma coisa, a atividade acadêmica e pedagógica, e depois da pandemia houve uma queda assustadora*”; porém, o seu olhar é otimista: “[...] acho que ainda não nos levantamos, mas eu vejo que está havendo um processo de ascensão, de evolução” (Landim, 2024). Consoante a essa percepção, vários estudos têm asseverado os

impactos da pandemia no âmbito da educação, principalmente no que concerne ao público discente, que após a pandemia está mais propício a vivenciar problemas como ansiedade, depressão, pânico e tristeza profunda, o que interfere em toda a sua vida, inclusive na formação educativa (Marin; Tarifa, 2024; Correia; Cunha, 2023; Rocha; Silva; Lima, 2025).

As reflexões que pautam as mudanças identificadas na relação dos estudantes com os estudos, devem contemplar os múltiplos os aspectos envolvidos nessa problemática atual, tanto no âmbito da educação básica, quanto do ensino superior. Essa situação não pode ser pensada somente associada ao interesse do estudante, mas ter em conta as falhas do modelo escolar em dialogar com as realidades sociais e os repertórios culturais dos seus estudantes, para que os conteúdos curriculares ganhem sentido no cotidiano das práticas educativas (Freitas, 2021); a falta de perspectiva de futuro das novas gerações; a quebra dos vínculos com os estudos e as instituições de ensino durante a pandemia; as condições de ensino e aprendizagem nas instituições; a crescente desvalorização do magistério, dentre outros. Vale destacar que, se essa problemática não for enfrentada afastará da escola/universidade, principalmente, os grupos mais vulneráveis, reproduzindo as desigualdades sociais, inclusive, evidenciadas na pandemia.

Assim, entende-se que, de fato, tal crise mundial ocasionou mudanças no alunado da FECLI, deixando saudades no professor Raimundo do Nascimento, que revelou sentir “[...] *falta daquele ambiente mais aconchegante, mais orgânico, familiar, entre o professor e o aluno na sala de aula. Acho que hoje está mais na distância, esvaziamento, uma desmotivação*”, e, referindo-se novamente às questões estruturais da FECLI, contrastando-a com as particularidades pedagógicas no passado e no presente, sentenciou: “*Temos melhores condições materiais, melhores condições administrativas, mas eu fico na dúvida se o ambiente acadêmico de aprendizado, didático, pedagógico, hoje está melhor do que antigamente. Eu sou mais o de antigamente*” (Landim, 2024).

Hoje, somadas mais de três décadas vinculado à FECLI, Raimundo do Nascimento pode ser considerado um acervo memorialístico vivo da instituição, especialmente do curso de Pedagogia, colegiado ao qual permanece vinculado ministrando disciplinas de Filosofia e de Ética, corroborando, assim como na década de 1990, a formação de professores no interior do Ceará. Um momento de reconhecimento da sua importância para a história do curso de Pedagogia aconteceu recentemente, quando foi homenageado pelo Centro Acadêmico, que leva o seu nome: Centro Acadêmico de Pedagogia Raimundo do Nascimento Batista Landim, que, até então, foi algo inédito na UECE, como um todo, e, para ele, em particular, foi a mais significativa homenagem acadêmica prestada à sua pessoa, como professor. Sobre tal fato, ele

contou-nos, ao vivo, que havia três indicações em disputa, pelo nome do Centro Acadêmico: o dele, o de Paulo Freire e o de Rubem Alves. Ele ganhou dos dois nomes indicados, na votação direta e secreta dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo foi compreender a trajetória de Raimundo do Nascimento, desde a educação básica, em nível Primário e Secundário, até tornar-se professor após graduar-se na capital e voltar para o interior ao assumir concurso público. Trata-se de uma pesquisa do tipo biográfica desenvolvida através da história oral como metodologia, que teve como entrevistado o próprio professor biografado, o qual narrou a sua vida e experiências atreladas à sua trajetória formativa, desvelando aspectos da história da educação do Ceará desde a década de 1970.

Constatou-se que Raimundo do Nascimento foi escolarizado no Ensino Primário em sua própria cidade, Orós, onde também iniciou o Ensino Secundário, o qual concluiu na cidade de Iguatu, especificamente na escola técnica, onde formou-se como técnico em Contabilidade. Para conseguir se manter estudando em Iguatu, longe da família que residia em Orós, contou com o apoio da Diocese, onde, através das atividades na Pastoral, também teve acesso a uma formação crítica que o instigou a questionar a realidade. Inclusive, a formação educativa de Raimundo do Nascimento foi incrementada pela militância, sendo a PJMP e as experiências na escola técnica determinantes para que ele atuasse de modo ativo em defesa de direitos estudantis dos secundaristas no período da Ditadura Militar.

Após a conclusão do Ensino Secundário, a fim de dar continuidade aos estudos em nível superior, passou a residir em Fortaleza, também contando com o apoio da Diocese, bem como do seu pai, que o incentivou e o apoiou financeiramente. Na capital, cursou Filosofia e tornou-se professor de várias instituições privadas, até retornar para o interior do Ceará, especificamente para Iguatu, como professor efetivo da UECE, lugar que ocupa até os dias atuais, contribuindo para a formação de pedagogos da região Centro-Sul.

A experiência educativa de Raimundo do Nascimento demonstra o trânsito de uma pessoa interiorana comum que logrou de um percurso formativo diferenciado, ao vivenciar um trajeto escolar inacessível para a maioria dos seus pares, que muitas vezes sequer concluíam o Ensino Primário, sendo praticamente inviável chegarem ao Ensino Secundário e ao Ensino Superior. A sua trajetória particular, situada no tempo e no espaço, permite desvelar pormenores da situação educacional em sua época de formação, bem como de atuação na FECLI, alargando

o conhecimento histórico do Ceará, especificamente da região Centro-Sul do estado. Nessa trajetória, também estão evidenciadas as significações, as relações e os contextos que constituíram a história biográfica apresentada, e atuaram como força emocional mobilizadora das decisões tomadas, bem como serviram de suporte material necessário aos caminhos trilhados exitosamente. Ademais, tendo em vista que, aqui, reconstitui-se apenas uma versão histórica, a qual não se esgota nesse escrito, podendo ser contrastada com outras experiências formativas, sugere-se a realização de outros estudos desta natureza.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- CORREIA, L. M.; CUNHA, M. A. de A. A vida numa encruzilhada: jovens do ensino médio entre o desejo e a necessidade de projetar o futuro. **Educ. Form.,/S. l./**, v. 8, p. e10059, 2023. DOI: 10.25053/redufor.v8.e10059. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/10059>. Acesso em: 29 nov. 2025.
- DOSSE, F. **O desafio biográfico:** escrever uma vida. São Paulo: USP, 2015.
- FIALHO, L. M. F.; FREIRE, V. C. C.; SOUSA, F. G. A. de. Descolamento social mediante a educação: tessituras da mulher pobre e periférica (1970-1994). **Revista Teias**, v. 23, n. 70, p. 227-239, 2022. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/tei/v23n70/1982-0305-teias-23-70-0227.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2025.
- FIALHO, L. M. F.; FREIRE, V. C. C. Educação formativa de uma líder política cearense: Maria Luíza Fontenelle (1950-1965). **Cadernos de História da educação**, v. 17, n. 2, 2018, p.343-364, 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/43290>. Acesso em: 29. nov. 2025.
- FIALHO, L. M. F.; FREIRE, V. C. C. Educação formativa de uma líder política cearense: Maria Luíza Fontenelle (1950-1965). **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v.17, n.2, p.343-364, 2018. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1982-78062018000200343&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 jun. 2025.
- FREITAS, L. C. de. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. São Paulo: Papirus, 1995.
- FREITAS, L. C. de. **Os reformadores empresariais da educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2021.
- FREITAS, M. C. de; BICCAS, M. de S. **História Social da Educação no Brasil (1926-1996)**. São Paulo: Cortez, 2009.
- FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

JUCÁ, G. N. M. **Seminário da Prainha:** indícios da memória individual e da memória coletiva. Fortaleza: EdUECE, 2014.

LANDIM, R. do N. B. **A práxis como um princípio educativo da prática e formação docente:** uma abordagem ético-moral. 2023. 199 f. Tese (Doutorado em 2023) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=109670>. Acesso em: 3 de junho de 2025.

MARIN, R.; TARIFA, A. L. G. Aspectos culturais e comportamentais do ensino na pandemia de COVID-19. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 28, n. 1, p. 1-10, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/dXNf9pWPMdghYkjsc57mP3k/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 jun. 2025.

MULLER, A. **O Movimento Estudantil na resistência à Ditadura Militar (1969- 1979).** Rio de Janeiro: Garamond, 2016.

PAULO NETTO, J. **Pequena História da Ditadura Brasileira (1964-1985).** São Paulo: Cortez, 2014.

ROCHA, C. de J.; SILVA, A. G. P. da; LIMA, M. A. R. de. Marcas do sofrimento psicossocial e acadêmico em alunos de um curso de licenciatura de uma universidade pública. **Revista Exitus**, v. 15, n. 1, p. e025003, 2025. DOI: 10.24065/re.v15i1.2767. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistaexitus/article/view/2767>. Acesso em: 29 nov. 2025.

RODRIGUES, R. M. Biografia e Gênero. In: FIALHO, L. M. F.; VASCONCELOS, J. G.; SANTANA, J. R. (Orgs.). **Biografia de mulheres.** Fortaleza: UECE, 2015. p. 54-70.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** São Paulo: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** São Paulo: Autores Associados, 2011.

SOFIATI, F. M. **Juventude Católica:** o novo discurso da teologia da libertação. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

SINDICATO DOS DOCENTES DA UECE, SEÇÃO SINDICAL DO ANDES-SN. **Forjado nas lutas em defesa da educação.** s.d. Disponível em: <https://siduece.org.br/historico>. Acesso em: 12 nov. 2025.

SOUZA, F. G. A. de. Caso de ensino sobre a formação política no curso de Pedagogia da UECE. **Educação & Ensino**, v. 8, n. 1, p. 1-12, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uniateneu.edu.br/index.php/revista-educacao-e-ensino/article/view/655>. Acesso em: 6 jun. 2025.

SOUZA, F. G. A. de. **Reminiscências sobre as condições educativas no interior cearense a partir das docências de Marieta Benício e Maria José de Sousa (1936-1984).** 2023. 193f.

Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023.

SOUZA, J. M. de. **Sistema Educacional Cearense**. Recife: MEC/INEP, 1961.

THOMPSON, P. A voz do passado: história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

UECE: 132 dias sem aula. **Central Única dos Trabalhadores-CE**, Fortaleza, 17 out. 2006. Disponível em: <https://ce.cut.org.br/noticias/uece-132-dias-sem-aula-cb78/amp>. Acesso em: 6 jun. 2025.

VIEIRA, S. L. **História da Educação no Ceará**: sobre promessas, fatos e feitos. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

Histórico Editorial

Submetido: 17 de outubro de 2025.

Publicado: 10 de dezembro de 2025.

Minicurrículo

Francisca Genifer Andrade de Sousa

Doutora e Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE). Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará-UECE. Professora da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (FECLI). Pesquisadora do grupo de pesquisa Práticas Educativas Memórias e Oralidades da Universidade Estadual do Ceará (PEMO/UECE).

Contribuição de autoria: Responsável pela metodologia, investigação e redação, criando a primeira versão completa do artigo apresentado.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4904576198000368>

Geandra Claudia Silva Santos

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Professora Adjunta do Centro de Educação, Ciências e Tecnologia da Região dos Inhamuns (CECITEC). Grupo de Pesquisa em Educação Especial (GPEE/CNPq).

Contribuição de autoria: Revisão e edição do artigo, que envolvem observações para aprimorar o conteúdo e sugestões sobre a versão original do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9916149503779411>

Lorena de Oliveira Araújo

Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (FECLI). Bolsista de Iniciação Científica IC-UECE.

Contribuição de autoria: Responsável pela coleta dos dados.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0665743479682940>.

COMO REFERENCIAR – ABNT

SOUZA, Francisca Genifer Andrade de; SANTOS, Geandra Claudia Silva; ARAÚJO, Lorena de Oliveira. Formação e docência de Raimundo do Nascimento Batista Landim na região Centro-Sul do Ceará. **Revista Exitus**, Santarém/PA, e025061, V. 15, n.1., 2025. <https://doi.org/10.24065/re.v15i1.2992>

COMO REFERENCIAR - APA

Sousa, F. G. A. de; Santos, G. C. S. & Araújo, L. de O. (2025). Formação e docência de Raimundo do Nascimento Batista Landim na região Centro-Sul do Ceará. *Revista Exitus*, 15, e025061. <https://doi.org/10.24065/re.v15i1.2992>

Licença de Uso

Licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial nesta revista.